EDUCAÇÃO
IX CBE - CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO E AUTONOMIA

Ana Paula Junqueira da SILVA, UNESP- Bauru
Rita Melissa LEPRE, UNESP- Bauru
Gênero e sexualidade na Educação
junqueira.silva@unesp.br

Resumo:

Este relato de experiência analisa uma prática pedagógica voltada à desconstrução de estereótipos de gênero, realizada em uma unidade de Educação Infantil da rede municipal de Bauru, São Paulo. A intervenção envolveu uma turma de crianças entre 4 e 6 anos e ocorreu ao longo de uma sequência didática pautada na literatura e no lúdico. O objetivo central foi promover a equidade e a sensibilidade emocional, questionando roteiros sociais rígidos internalizados na infância. O desenvolvimento das ações baseou-se nas obras de Sônia Rosa, utilizando o livro “O Menino Nito” para abordar a repressão emocional masculina e “Enquanto o almoço não fica pronto” para debater a divisão do trabalho doméstico. A metodologia incluiu o questionamento socrático, atividades de alfabetização emocional com massa de modelar, a visita de um chefe de cozinha para romper a visão sexista sobre o espaço culinário e o envolvimento das famílias em atividades de culinária compartilhada. Como ápice simbólico, as crianças construíram e derrubaram o “Muro do Preconceito”. Os resultados demonstraram uma mudança significativa no discurso discente, que passou da reprodução de frases como “homem não chora” para a compreensão da universalidade das emoções e da colaboração mútua**.** A experiência implica, para a prática pedagógica, a confirmação de que a escola deve atuar como espaço de educação integral, onde a desconstrução de preconceitos desde a primeira infância é fundamental para a formação de sujeitos autônomos, democráticos, sensíveis e livres de binarismos limitadores**.**

Palavras-chave: Educação Infantil. Estereótipos de Gênero. Prática Pedagógica.

1. Introdução

A educação é um direito fundamental e um instrumento estratégico de promoção da igualdade e da diversidade, devendo garantir qualidade para todos como forma de atenuar as desigualdades sociais. No entanto, a prática educacional ainda enfrenta desafios significativos para efetivar esses princípios, sobretudo em contextos marcados pela exclusão social e pelo preconceito. Segundo Cury (2021), o futuro da educação depende da sua capacidade de integrar as diversidades cultural, social e individual, promovendo um ambiente inclusivo e equitativo. Nesse sentido, a escola não deve ser compreendida apenas como um espaço de transmissão de conteúdos, mas como um locus de reconhecimento das diferenças e de consolidação da formação cidadã.

Sob essa ótica, o presente relato de experiência analisa uma prática pedagógica desenvolvida na rede municipal de Bauru, focada na desconstrução crítica de estereótipos de gênero e na promoção da equidade na Educação Infantil por meio da literatura. Compreendendo a escola como uma instituição social e política, fundamentamo-nos em Althusser e Giroux (1990) para evidenciar que o ambiente escolar não é neutro e pode atuar na reprodução de desigualdades. Conforme explicam Bourdieu e Passeron (2009), o sistema de ensino frequentemente legitima capitais culturais dominantes, processo que se estende à manutenção da heteronormatividade e dos binarismos de gênero, elementos que Louro (1997) identifica como formas de normatização e exclusão no cotidiano escolar.

Todavia, em uma perspectiva dialética, a escola emerge também como uma arena de lutas e contradições, carregando em si a potência transformadora. Alinhada à pedagogia de Freire (1996), esta intervenção utiliza a literatura como prática de liberdade, transformando o cotidiano escolar em um território de contranarrativas. Ao introduzir obras que questionam normas rígidas de gênero, busca-se intervir justamente na infância — fase em que os roteiros sociais começam a ser internalizados — visando fomentar uma formação humana mais sensível, plural e verdadeiramente democrática.

2. A Escola como Espaço de Desnaturalização e Construção da Identidade

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, assume um papel estratégico na consolidação de conteúdos básicos de aprendizagem, especialmente no que tange a valores e atitudes. A instituição escolar não é um ambiente neutro; nela, os sujeitos são condicionados pelas interações sociais, pois, como aponta Arendt (1993 apud SILVA JÚNIOR, 2012, p. 267), "tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência". Sob essa perspectiva, a tarefa educativa exige a desnaturalização de desigualdades

> e estereótipos, combatendo o processo ideológico que converte escolhas históricas e sociais em fatos "naturais" e, portanto, inquestionáveis (ROSEMBERG, 2012, p. 75).

Nesse cenário, a construção da identidade emerge como um processo central e um direito fundamental. Conforme destaca Bento (2012, p. 384), a identidade é um "elemento de constituição da criança, fundamental para seu desenvolvimento pleno, essencial para assegurar seu bem-estar e sua saúde integral". Como as hierarquias sociais são internalizadas precocemente, a escola deve oferecer referências positivas, compreendendo que as primeiras experiências marcam profundamente o indivíduo (SILVA JÚNIOR, 2012). Aqui, o professor atua como mediador crítico e organizador de ambientes que possibilitem às crianças construir formas diferenciadas de pensar e agir em relação a si e ao outro (TRINIDAD, 2012).

Essa mediação encontra na literatura infantil um recurso potente para uma educação não sexista, transmutando o lúdico em instrumento político de intervenção. O foco reside em questionar os papéis sociais que, segundo Louro (1997, p. 24), são "regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos". Ao oferecer contranarrativas que desafiam binarismos, o educador promove a ampliação dos horizontes de subjetivação, transformando o ato de ler em uma "prática de liberdade" (FREIRE, 1996) e em um espaço de valorização da diversidade (CURY, 2021).

Para compreender o impacto dessa transformação na estrutura psíquica da criança, recorremos à Epistemologia Genética de Piaget (1994). A moralidade evolui da heteronomia, caracterizada pela obediência cega à autoridade e pela percepção das regras como leis sagradas para a autonomia, que é a capacidade de governar-se por princípios de justiça e reciprocidade. Embora a autonomia plena seja um horizonte de longo prazo, é na primeira infância que se constrói seu alicerce. Para superar a heteronomia, a escola deve promover relações baseadas na cooperação e no respeito mútuo, permitindo que a criança saia de seu egocentrismo para coordenar diferentes pontos de vista.

Para consolidar esse processo, a instituição deve organizar-se por meio de práticas morais (PUIG, 2004): procedimentos intencionais e rotinizados, como rodas de conversa e assembleias. Tais práticas permitem que a criança deixe de ser mera cumpridora de normas externas para se tornar partícipe de acordos coletivos, internalizando que todas as vozes têm o direito de ser ouvidas. A intencionalidade pedagógica voltada para a autonomia garante que a escola forme sujeitos capazes de governar a si mesmos, considerando sempre a dignidade do outro em suas decisões.

A prática pedagógica aqui relatada emergiu da observação de que as crianças já traziam internalizadas concepções sexistas rígidas, exemplificadas pela afirmação comum de que "homem

não chora. Diante dessa realidade, as interações buscaram oferecer ferramentas para a desconstrução de estigmas através da literatura de Sônia Rosa. A escolha da autora justifica-se por sua relevância fundamental na literatura afro-brasileira, o que confere à prática um caráter interseccional ao articular a desconstrução de estereótipos de gênero à valorização da diversidade étnico-racial. Sua escrita permite que as crianças confrontem preconceitos com narrativas de acolhimento, afetividade e pluralidade.

.

3. Da literatura a prática social

O projeto foi estruturado a partir de uma sequência didática que priorizou a escuta ativa e a mediação de conflitos simbólicos. A primeira etapa consistiu na leitura compartilhada do livro "O Menino Nito". Durante a narrativa, o foco voltou-se para a reação espontânea dos alunos diante do drama do protagonista, que se via impedido de expressar sua tristeza.

No segundo dia, realizou-se uma atividade focada na alfabetização emocional, na qual, utilizando imagens de crianças com expressões variadas, os alunos foram incentivados a nomear as emoções. Com o auxílio de uma aluna como escriba, registrou-se na lousa o que cada sentimento representava (Figura 1), estratégia que reforçou a autonomia e o protagonismo discente, evidenciando que o professor atua como mediador e não como o único detentor do saber no espaço educativo.

Para aprofundar essa percepção de forma tátil e criativa, foi proposta uma atividade de representação tridimensional. Utilizando suportes com contornos de rostos (meninos e meninas), as crianças foram desafiadas a moldar as expressões faciais com massa de modelar, reproduzindo as emoções discutidas (alegria, tristeza, raiva, medo),conforme ilustrado na figura 2 .

Figura 1 - Aluna escriba



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 2- Atividade tridimensional



Arquivo pessoal da autora (2025)

A sequência didática teve continuidade com um momento de mistério e encantamento: a chegada de um "Baú de Tesouros" à sala de aula. Ao descobrirem o conteúdo do baú, os alunos encontraram fotos da autora Sônia Rosa e imagens que representavam sua trajetória e suas obras. Inspirados por essa biografia, os alunos realizaram um autorretrato, relacionando suas próprias identidades à identidade da artista. No outro dia, introduziu-se a obra "Enquanto o almoço não fica pronto", que disparou um debate sobre a divisão do trabalho doméstico.

Para romper com o estereótipo de que o espaço da cozinha é feminino, a escola promoveu a visita de um Chefe de Cozinha, caracterizado com seu avental de peito e touca de amarrar (estilo bandana), o profissional compartilhou sua experiência profissional e apresentou seus instrumentos de trabalho, como o cutelo, permitindo que as crianças fizessem perguntas e explorassem a identidade visual de quem atua na gastronomia, conforme registrado na Figura 3. A culminância dessa etapa foi uma experiência gastronômica e sensorial. O chefe convidou os alunos para colherem manjericão na horta da escola, momento ilustrado na Figura 4, para o preparo de um "macarrão ao molho pesto".

Figura 3- Conversa com o chefe



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 4- Colheita de manjericão



Arquivo pessoal da autora (2025)

As crianças participaram ativamente da colheita do tempero e acompanharam atentamente o passo a passo da receita preparada pelo profissional, como observado na Figura 5. O ápice da experiência foi a degustação coletiva: os alunos provaram o 'macarrão ao molho pesto' e a aceitação foi unânime. Muitos, que inicialmente demonstravam resistência a novos sabores ou à ideia de um homem cozinhando, amaram o prato e pediram para repetir, momento de celebração registrado na Figura 6. Essa vivência permitiu que os alunos percebessem, na prática, que o lugar de homem também é na cozinha e no cuidado, transformando uma discussão teórica em uma memória afetiva e educativa inesquecível.

Figura 5- Preparo do macarrão



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 6- Degustação de prato



Arquivo pessoal da autora (2025)

3.1. Integração com as Famílias e Ruptura de Barreiras

Com o intuito de transpor os ensinamentos para além dos muros da escola e envolver a comunidade escolar, foi proposta a atividade "Culinária Familiar". Através de um bilhete explicativo, as famílias foram informadas sobre o tema trabalhado e convidadas a vivenciarem um momento coletivo de preparo de uma receita especial. O objetivo central era que todos os membros da família desfrutassem desse momento juntos, reforçando a parceria e a colaboração no ambiente doméstico.

Como registro dessa experiência, as famílias enviaram a receita por escrito e fotos que ilustravam a participação de todos na cozinha, conforme exemplificado nas Figuras 7 e 8 . Esse desdobramento foi essencial para consolidar a ideia de que o cuidado e as tarefas do lar são espaços de afeto e responsabilidade partilhada, transformando a prática pedagógica em uma vivência social real e integrada ao contexto de cada aluno. A análise dessas imagens permitiu observar pais, avôs e irmãos engajados no processo, rompendo com a invisibilidade do trabalho masculino no ambiente privado.

Figura 7- Culinária em família



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 8- Jantar em família



Arquivo pessoal da autora (2025)

Após as leituras, reflexões e vivências para a síntese das aprendizagens, realizou-se uma roda de conversa onde foram apresentadas frases que sintetizam o senso comum sexista, tais como: “Azul é cor de menino e rosa de menina”, “Homem não chora”, “Lugar de mulher é na cozinha” e “Homem não cozinha” . Nesse momento, foi possível observar o impacto real das vivências anteriores: os alunos prontamente refutaram as sentenças, afirmando com segurança que "homem também cozinha" e "todo mundo chora".

Para materializar essa desconstrução, retomou-se a obra “O Menino Nito”, chamando a atenção para a imagem do muro que impedia a saída das lágrimas do protagonista. Propôs-se, então, uma atividade coletiva e simbólica: a construção de um "Muro do Preconceito" feito com caixas de papelão. Os alunos pintaram e ajudaram a colar os "tijolos", enquanto no topo do muro, em caixas soltas, foram fixadas as frases preconceituosas discutidas anteriormente, como pode ser visualizado na Figura 9.

Sob o lema “Derrube o Preconceito”, os alunos participaram de uma dinâmica lúdica onde, utilizando bolas, deveriam acertar e derrubar os tijolos que continham as frases falsas. O ato físico de derrubar o muro simbolizou a libertação dos sentimentos e a queda das barreiras impostas pelos estereótipos de gênero, momento de grande entusiasmo registrado na Figura 10.

A atividade não apenas consolidou o conhecimento, mas proporcionou um sentimento coletivo de empoderamento e justiça, culminando na ruptura das barreiras simbólicas que antes limitavam a percepção da turma. Após o ato de derrubar o muro, as rodas de conversa subsequentes revelaram uma profunda ressignificação dos conceitos: onde antes predominavam o silenciamento emocional e a rigidez de papéis, emergiu um discurso pautado na equidade e na empatia. Ao serem instigadas à reflexão, as crianças demonstraram o declínio da percepção heterônoma, substituindo as 'frases prontas' do senso comum por conclusões próprias que validavam o choro como uma necessidade humana e o cuidado como uma responsabilidade compartilhada por todos, independentemente de gênero.

Figura 9- Muro dos preconceitos



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 10- Derrube o preconceito



Arquivo pessoal da autora (2025)

Como desfecho emocionante, a escola recebeu a visita presencial da escritora Sônia Rosa. Ela visitou nossa sala, apreciou os autorretratos, conversou com os alunos e contou histórias para toda a escola, conforme ilustrado nas Figuras 11 e 12 .

Figura11- Visita da escritora na sala



Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 12- Contação de história



Arquivo pessoal da autora (2025)

Posteriormente, na Mostra Cultural Anual, todos os trabalhos, fotos da culinária familiar e o registro da derrubada do muro foram expostos, dando visibilidade ao protagonismo das crianças perante toda a comunidade escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática realizada demonstrou que a Educação Infantil é o espaço por excelência para a desconstrução de padrões sociais rígidos. O que começou com uma resistência verbal dos alunos o "homem não chora" transformou-se, através da mediação pedagógica e da literatura, em uma compreensão profunda sobre a universalidade dos sentimentos e a importância da colaboração mútua. A experiência evidenciou que a escola revela sua maior força quando assume o papel de espaço de libertação.

As crianças não apenas aprenderam que o choro e o cuidado doméstico não possuem gênero, mas também vivenciaram a empatia como base fundamental das relações humanas. Conclui-se, portanto, que uma educação não sexista na primeira infância é o caminho para formar cidadãos mais conscientes e sensíveis. Como simbolizado no ato final de derrubar o muro de papelão, educar para a igualdade é um exercício contínuo de romper barreiras simbólicas. Ao

garantirmos que meninos emeninas possam expressar suas emoções e compartilhar responsabilidades sem medo de julgamentos, estamos, fundamentalmente, garantindo o direito de cada criança de ser, sentir e exIstir em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**: notas conjuntas para uma investigação. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

BENTO, B. Identidade de gênero e educação. In: SILVA JÚNIOR, H. (org.). **Educação e Diversidade**. Bauru: Ed. UNESP, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CURY, C. R. J. **O futuro da educação: igualdade e diversidade**. Brasília: Editora da UnB, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J. M. **Práticas morais**: uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

ROSEMBERG, F. Educação infantil e relações de gênero. In: SILVA JÚNIOR, H. (org.). **Direito e Educação**. 2012.

SILVA JÚNIOR, H. (org.). **Educação e Diversidade**. Bauru: Ed. UNESP, 2012.

TRINIDAD, A. T. O professor como mediador. In: SILVA JÚNIOR, H. (org.). **Educação e Diversidade**. Bauru: Ed. UNESP, 2012.